

O PÓS-MODERNISMO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS NA ARTE E NA EDUCAÇÃO

Priscila Barbeiro¹⁵

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o Pós-modernismo e suas transformações culturais, políticas e sociais e as relações com o sistema econômico vigente, chamado de capitalismo tardio. Neste período há o predomínio da Indústria Cultural, caracterizada pelo uso das fontes tecnológicas e da produção em série. Como consequência deste aprimoramento tecnológico as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) transformaram a sociedade contemporânea, as produções culturais e consequentemente a educação e o próprio processo de formação de professores, seu lugar e suas funções de trabalho. Desta forma, a arte e a filosofia assumem um papel crítico em relação à cultura, a sociedade capitalista, a razão científica e a cultura de massa, pensando as tecnologias como produto humano, mas ao mesmo tempo apropriando-se dela criticamente.

Palavras-chave: Pós-modernismo. Arte. Educação. Tecnologias.

Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o Pós-modernismo, tendo como referência a obra *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1997) de Fredric Jamenson. O autor discute as transformações culturais, políticas e sociais desse período denominado de pós-moderno e a relação com o sistema econômico vigente, chamado de capitalismo tardio. Neste texto, Jamenson (1997) utiliza-se de obras de artistas reconhecidos como Van Gogh e Andy Warhol, para exemplificar as modificações sociais sofridas na passagem do Modernismo para o Pós-modernismo, entre outros exemplos apresentados pelo autor no decorrer do texto.

Em relação com a obra de Jamenson (1997), discuto também sobre a Indústria Cultural e o seu predomínio na sociedade pós-moderna, caracterizada pelo uso das fontes tecnológicas e da produção em série, utilizando como referência o texto *A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas* (1985) de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Esses textos iniciais servem de base para reflexão sobre o uso das tecnologias contemporâneas e como estas encontram-se intimamente ligadas ao sistema capitalista, no período pós-moderno.

Outros dois textos abordados foram *Arte, Experiência e não-identidade em Theodor Adorno* (2011), de Pedro Hussack professor adjunto de filosofia na Universidade Federal

¹⁵ Mestranda em Artes Visuais pela UDESC.

Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e *A Educação Estética como Educação Política em Herbert Marcuse* (2011), de Marília Mello Pisani professora de filosofia na Universidade Mackenzie e na Universidade São Judas Tadeu e Stefan Klein na época mestre e doutorando em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Os textos vão tratar sobre as questões de educação, demonstrando o papel crítico da arte e da filosofia em relação à cultura, a sociedade capitalista, a razão científica e a cultura de massa.

Nessa linha de pensamento, o artigo *A Recontextualização das Tecnologias da Informação e da Comunicação na Formação e no Trabalho Docente*, de Raquel Goulart Barreto (2012), discute sobre as condições de produção da formação docente, principalmente no que diz respeito a Tecnologia da informação e da comunicação (TIC). Para tanto, a autora utiliza-se como abordagem a análise do discurso, que permite investigar as práticas discursivas como formas naturais de ideologia, esta que por sua vez, na perspectiva histórica discursiva, correspondem a hegemonia de sentido. Para a autora, que baseia-se em Marx, não há como analisar as práticas discursivas sem pensar as condições históricas e situacionais da sua produção.

Tendo como base tais autores e textos, este artigo apresenta uma reflexão sobre os principais pontos destacados na concepção dos autores aqui apresentados em relação as questões do pós-modernismo, da arte, da educação e das tecnologias na formação docente.

O pós-modernismo como ruptura e a indústria cultural

Como dito anteriormente, o texto *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1997) de Fredric Jameson trata de assuntos ligados as transformações culturais, políticas e sociais do período denominado de pós-moderno e a relação com o sistema econômico vigente, o capitalismo tardio.

O termo Capitalismo tardio escolhido por Jameson (1997) é pensado inicialmente por Ernest Mandel e seria um estágio do capitalismo mais puro do que qualquer outro movimento que o precedeu. Neste estágio há um proliferado desenvolvimento tecnológico que na visão marxista, é um resultado do desenvolvimento do capital.

Segundo Jameson (1997), o fim dos anos de 1950/1960 é chamado de Pós-modernismo e como sugere a palavra, houve uma ruptura relacionada ao período anterior, o modernismo. A partir daí surgem várias denominações para esse novo momento histórico: Sociedade pós-industrial, Sociedade do Consumo, Sociedade das mídias, Sociedade da

informação, entre outras, na tentativa de caracterizar essa nova formação social que não mais obedece as leis do capitalismo clássico. Nessa ruptura que o pós-modernismo expressou, surgem teóricos e teorias que vão discursar o fim de diferentes espaços sociais: o fim da arte, o fim da ideologia, o fim das classes sociais, resultando na heterogeneidade deste movimento que não apresenta-se apenas como um estilo, mas sim como uma dominante cultural. No entanto, será que tais mudanças ou rupturas foram mais fundamentais do que as do alto modernismo?

O autor vê no pós-modernismo uma nova falta de profundidade que prolonga-se tanto na teoria quanto em toda expressão cultural, inclusive na produção artística. Para exemplificar, o autor utiliza-se da obra *Um par de botas* (1886) de Van Gogh. A pintura moderna expressa a miséria agrícola, a pobreza rural, o mundo da labuta, o rudimentar e a marginalização social. Em paralelo, o autor traz a obra do artista precursor da Pop Art, Andy Warhol *Diamond dust shoes* (1980), onde identificamos vários sapatos de salto alto em uma espécie de vitrine, na forma de negativo fotográfico. Para Jamenson (1997) a obra pós-moderna de Andy Warhol é centrada em torno da mercantilização, do consumo e do fetichismo que demarca a transição para o capitalismo tardio e deveria ser uma forte crítica política, no entanto, se não cumpre esse papel, devemos nos interrogar sobre uma arte política e crítica no período pós-moderno. Além da transformação dos objetos em mercadoria nas produções artísticas, o mesmo ocorreu com a figura humana. Jamenson (1997), novamente cita Andy Warhol com suas estrelas como Marilyn Monroe, que transformaram-se em mercadorias assim como sua própria imagem. Em comparação, a obra *O Grito* (1893) de Edvard Munch, uma expressão canônica dos grandes temas modernistas, apresenta pictoriamente a alienação humana, a solidão, ansiedade e a fragmentação social, que seria segundo o autor “[...] uma desconstrução virtual da própria estética da expressão, a qual parece ter dominado muito do que chamamos de alto modernismo, mas que parece ter desaparecido - por razões teóricas e práticas - do mundo pós-moderno.” (JAMENSON, 1997, p.39).

No pensamento do autor, conceitos como ansiedade e alienação não são mais possíveis no mundo pós-moderno. A teoria contemporânea tem desacreditado e criticado tais conceitos, o que o autor chama de “Esmacimento dos afetos”, que colocou fim no estilo, no pessoal e na pincelada individual. Nesse sentido, “O desaparecimento do sujeito individual, ao lado de sua consequência formal, a crescente inviabilidade de um estilo pessoal, engendra a prática quase universal em nossos dias do que pode ser chamado de Pastiche.” (JAMENSON, 1997, p.43). Para o autor, Pastiche caracteriza-se como um colapso na

ideologia do alto modernismo, e que agora os produtos culturais não podem mais voltar-se para lugar nenhum a não ser o passado, na imitação dos estilos anteriores, num imaginário de uma cultura que agora tornou-se global. Jamenson (1997) diz que os produtos culturais da era pós-moderna são completamente destituídos de sentimentos e intensidades, e que são agora impessoais e padronizados, dando origem como, por exemplo, aos produtos da indústria cultural.

Tendo como referência o texto *A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas* (1985) de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Os autores vão pensar a Indústria Cultural como a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais das massas. Segundo os autores, o sistema da indústria cultural provém dos países industriais liberais, triunfando todos os seus meios característicos, sobretudo o cinema, o rádio, o jazz e as revistas. No que diz respeito ao cinema e ao rádio, eles não precisam mais apresentar-se como Arte, eles a utilizam como uma ideologia a legitimar suas produções, que são aceitas sem nenhuma resistência, nesse sentido “Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 104).

A indústria cultural conquistou o seu lugar graças ao próprio desenvolvimento tecnológico. Conforme os autores, o terreno na qual a técnica conquistou o seu poder sobre a sociedade, é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade: “A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.100). A inovação que a indústria cultural dissemina, não passa de um aperfeiçoamento da produção em massa, por isso é que o interesse de inúmeros consumidores prende-se a técnica e não aos seus conteúdos repetidos. Nesse pensamento, os autores afirmam que “O poderio social que os espectadores adoram é mais eficazmente afirmado na onipresença do estereótipo imposta pela técnica do que nas ideologias rançosas pelas quais os conteúdos efêmeros devem responder”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.112). A indústria cultural é vista ainda, como a indústria da diversão, e esta última é vista como o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ou seja, a diversão é necessária por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para novamente enfrentá-lo.

Podemos compreender por meio dos escritos de tais pensadores que é no período pós-moderno que a sociedade desenvolve e aprimora os seus meios tecnológicos, e como consequência há grandes mudanças sofridas socialmente, como por exemplo, nas produções culturais, nos meios de comunicação, no trabalho, e consequentemente na educação.

O papel da arte e da educação na reflexão crítica da sociedade pós-moderna

Os textos *Arte, Experiência e não-identidade em Theodor Adorno* (2011), de Pedro Hussack e *A Educação Estética como Educação Política em Herbert Marcuse* (2011), de Marília Mello Pisani e Stefan Klein vão tratar sobre as questões da educação, demonstrando o papel crítico da arte e da filosofia em relação à cultura, a sociedade capitalista, a razão científica e a cultura de massa, que surge no modernismo e aprimora-se no pós-modernismo. O primeiro texto traz como reflexão o pensamento de Hussak (2011), sobre os estudos de Adorno que tratam sobre o tema da Incapacidade para a experiência, que aparece em sua obra *Experiência e pobreza* (1933). Escrito em um período pós-primeira grande guerra, o texto fala sobre a destruição da experiência pelo desenvolvimento da técnica. Adorno relaciona essa perda com a questão da formação educacional, que encontra-se pobre de linguagem, expressão e também de repertório de imagens, sobretudo para as crianças. Mostra também que a perda da experiência tem a ver, sobretudo, com uma incapacidade para a fruição estética. No âmbito da formação, o autor, verifica uma divisão entre o plano educacional e o plano cultural, ou seja, nas sociedades modernas a educação deixa de ser emancipadora para formar indivíduos “consumidores” e aptos para o trabalho.

Hussak (2011) traz as reflexões de Adorno sobre a sociedade moderna, que deu lugar a uma “razão instrumental”, visando obter resultados e produtos, refletindo na criação de um sistema social uniforme e padronizado, um “mundo administrado”, estabelecendo dispositivos de controle, retirando a liberdade do indivíduo. Esse mundo administrado nasce de um desejo de igualação que por fim deixa de fora as diferenças. Esse processo chamado por Adorno de *O princípio de Identidade* deixa de fora tudo o que não se encaixa, assim, a reflexão crítica busca desvelar exatamente o que está encoberto, de fora, trazendo a tona o Outro. Essa contradição é capaz de se opor a coação da identidade, garantindo ao pensamento a não-identidade.

Esse pensamento de Adorno, segundo Hussak (2011), surge com base no pós-estruturalismo, que coloca em cena a alteridade, a diferença, a política antiautoritária, a reflexão da arte e a estética como formas de ampliação das sensibilidades filosóficas. O autor menciona também o livro *Teoria Estética* (1969), em que Adorno não busca uma diferenciação de Obra de Arte, mas pensa a arte dentro do seu contexto histórico. No caso de Adorno, a arte que lhe era contemporânea era o modernismo artístico. A arte moderna aparece como um reflexo da sociedade movida da desilusão com o progresso da civilização. Dessa forma, a arte cumpre uma função dialética em relação a sociedade, protestando contra a má-

racionalidade, ela coloca-se como não-identidade, como resistência, o que lhe confere um caráter reflexivo, ou seja, ao mesmo tempo que aparece socialmente, transcende o social a medida que o nega e o critica. Para Adorno, a arte teria uma certa autonomia na sociedade, pois retira o indivíduo da pressão da luta cotidiana pela sobrevivência, garantindo uma contemplação desinteressada. Esse desligamento estabeleceria um lugar especial para a arte, no sentido que ela revelaria uma sensibilidade que ultrapassa o mundo produtivo burguês. Essa sensibilidade não a coloca como superior, mas sim para negar e criticar o mundo tardio-capitalista. Adorno liga-se a tendências artísticas que foram contrárias ao progresso e a tecnologia, como por exemplo, o expressionismo. Para ele a obra de arte deveria produzir um abalo no expectador, na identidade fixa do sujeito. Ao mesmo tempo, em que se elogia o potencial crítico da arte moderna, Adorno reconhece a capacidade de assimilação da indústria cultural de todo esse radicalismo estético, que talvez seja um dos grandes problemas da arte contemporânea. (HUSSAK, 2001).

Em relação a assimilação estética pelo sistema capitalista, volto-me ao primeiro texto de Jamenson (1997, p.30), onde o autor diz que “Picasso e Joyce não são mais considerados feios, agora eles nos parecem bastante realistas e isso é resultado da canonização e institucionalização acadêmica do movimento moderno”. Assim, todo radicalismo e estranhamento estético causado pela arte moderna é assimilado pelo próprio sistema, na tentativa de retirar o seu caráter de protesto e de contracultura.

Em *A Educação Estética como Educação Política em Herbert Marcuse* (2011), de Marília Mello Pisani e Stefan Klein, os autores vão discutir o pensamento de Marcuse que volta-se também aos problemas da educação, onde a sociedade educada por “massas” seria capaz de absorver as informações dos meios de comunicação, mas ao mesmo tempo se mantém aquém de suas capacidades reflexivas e questionadoras. Conforme os autores, Marcuse pensa a possibilidade de que o desenvolvimento técnico e científico fosse direcionado em prol de uma vida com menos labuta e miséria e que o trabalho se tornasse uma atividade livre e prazerosa, onde os seres humanos controlassem as máquinas e não o contrário. A seu ver, a sociedade tecnológica permite instituir novas formas de controle, invadindo a esfera da intimidade por meio da produção de necessidades e desejos.

Pisani e Klein (2011) pensam a articulação entre o materialismo e o idealismo que confere um estilo próprio nas reflexões de Marcuse, que vê na filosofia um caráter político e um potencial crítico que se realiza na resistência ao universo operacional dos fatos dados. Os conceitos filosóficos ao ser ver, são conceitos negativos, que acusam o real face as suas melhores possibilidades. Essas possibilidades, porém, só estarão presentes se os indivíduos

forem capazes de ver os potenciais que são negados, de ver a irracionalidade da racionalidade tecnológica, ou seja, se forem capazes de crítica.

Para Marcuse o ensino de filosofia poderia ser o lugar para despertar o espírito crítico. A filosofia, a seu ver, abarca o contato com linguagens múltiplas, constituindo a base da atividade filosófica, pois permite pensar para além do que é dado, permite jogar com as potencialidades da imaginação. A aula de filosofia pode desenvolver uma experiência estética, que conforme Marcuse seria a “experiência” na qual o objeto dado é totalmente diferente da experiência cotidiana ou da experiência científica, que propicia ao objeto ser “livre”, e onde o sujeito e objeto tornam-se livres. A educação estética é política na medida em que liberta a sensibilidade e a imaginação, distorcidas pelas condições históricas e materiais do mundo administrado contemporâneo (PISANI; KLEIN, 2011).

Portanto, podemos compreender que desde o Modernismo, as mudanças sociais ocorreram em consequência ao desenvolvimento tecnológico, e isso afetou tanto a educação, a arte e a filosofia, como vimos na forma de resistência e potencial crítico. No pós-modernismo tais mudanças acentuaram-se, uma vez que o desenvolvimento tecnológico encontra os seus primórdios, a arte sofre grande assimilação pela indústria cultural, e a educação é transformada pelas tecnologias da informação e da comunicação, assim, procuramos refletir sobre como a educação e a formação docente encontra-se nesse mundo dominado pela tecnologia da informação e da comunicação e pela indústria cultural.

As tecnologias da informação e da comunicação na transformação da educação e da formação docente

Em continuidade ao pensamento de tais estudiosos o artigo *A Recontextualização das Tecnologias da Informação e da Comunicação na Formação e no Trabalho Docente* (2012) de Raquel Goulart Barreto, discute sobre as condições de produção da formação docente, principalmente no que diz respeito a Tecnologia da informação e da comunicação (TIC). Para tanto, utiliza-se como abordagem a análise do discurso, que permite investigar as práticas discursivas como formas naturais de ideologia, esta que por sua vez, na perspectiva histórica discursiva, corresponde a hegemonia de sentido. Para a autora, que baseia-se em Marx, não há como analisar as práticas discursivas sem pensar as condições históricas e situacionais da sua produção.

A respeito dos contextos educacionais, os modos de recontextualização das TIC entre políticas e práticas de formação de professores no Brasil, implicam dois movimentos

antagônicos. O primeiro considera as TIC como uma nova força motriz da sociedade. No outro, as TIC são vistas como produção que não podem ser pensadas fora das relações sociais que as engedram (BARRETO, 2012). Barreto (2012) comenta sobre o descentramento da categoria “trabalho”, provocado pelas TIC e o estatuto de “revolução” designada a estas. Essa revolução é evidenciada principalmente no sistema de ensino onde a tecnologia da informática opera como um divisor entre quem detêm e os que não detêm a informação, onde há um imaginário na crença da renovação social e econômica promovida pelas TIC. Essa fascinação pela tecnologia e seus usos, impede-nos de compreender os sentidos que sua apropriação adquire historicamente. Nessa perspectiva de revolução social, quanto maior a presença da tecnologia, menor a necessidade do trabalho humano, bem como maior a subordinação do trabalho ao capital e aos que usam a tecnologia como formas de controle do trabalho e dos seus produtos. Houve então, conforme a autora, uma ressignificação na forma de ensinar e aprender associadas as TIC, por meio de novas práticas pedagógicas promovidas e institucionalizadas. Um exemplo foi a introdução do ensino a distância que a princípio deveria ser utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais, mas acabou tornando-se uma modalidade de ensino, largamente difundida atualmente.

Nos discursos acerca da formação de professores, Barreto (2012) detecta uma tendência da aprendizagem desvinculada do ensino, num cenário marcado por tecnólogos, tutores, animadores e etc, e a desterritorialização da escola. Há um pressuposto de que a presença das TIC simplifica o trabalho docente, gerando um deslocamento da função da escola, ou seja, não se aprende somente no espaço escolar, negando-a como lugar privilegiado de ensino. Há também situações como, por exemplo, no ensino a distância, onde houve a substituição total dos professores pelas TIC, principalmente pelo seu custo benefício, ou seja, o professor é considerado a tecnologia mais cara, necessita de uma formação, tempo de preparo de aulas, avaliações e trabalha com um número limitado de alunos. Com a sua substituição pelas TIC é possível ampliar o acesso a educação e reduzir os seus custos. Há então o deslocamento da educação de seu sentido social para a condição de mercadoria negociável no mercado. Segundo a autora, a facilidade da pesquisa e o acesso ao computador não podem ser considerados como “inclusão digital” e por extensão “inclusão social”. Pensar as TIC e os processos de ensinar-aprender extrapola a sua simples presença, entretanto, sua ausência tem servido para explicar o fracasso do que Barreto (2012) chama de “pedagogia dos resultados”. É a redução de professores e alunos a usuários/consumidores. As TIC, ao ver da autora podem favorecer as dimensões de ensinar e aprender, desde que o acesso a informação não seja tomado pela totalidade destes processos. Devemos pensar a construção, socialização

das propostas que se contraponham a substituição tecnológica das TIC, resgatando os sentidos da formação e do trabalho docente.

Considerações finais

O objetivo com o presente artigo foi apresentar os principais conceitos discutidos pelos autores aqui apresentados, em relação aos impactos causados pelo Pós-modernismo, pela Indústria Cultural, e pelas Tecnologias digitais na arte, na educação e na formação de professores. Para tanto, buscou-se, nos fundamentos sócio-históricos, elementos para a compreensão do papel atribuído pela sociedade, e pelo sistema capitalista para as Tecnologias e suas transformações na sociedade contemporânea.

Vimos que na ruptura do modernismo para o pós-modernismo a sociedade transforma os seus modos de produção, suas relações sociais, seus produtos culturais, aprimorando o desenvolvimento da técnica, que por sua vez, resulta em transformações na arte, que sofre fortemente a influência do sistema capitalista e volta-se a mercantilização e ao consumo, retirando seu caráter revolucionário. As produções artísticas são transformadas em padrões produzidos em série, para o consumo e diversão das massas, como vimos, dando origem ao sistema da indústria cultural. Assim, o papel da Arte contemporânea seria o de ir contra a esse sistema hegemônico, juntamente com a filosofia e a educação como um todo.

Como vimos, a Tecnologia da Informação e da Comunicação transformou o próprio processo de formação de professores, seu lugar e suas funções de trabalho. Mas, apesar da tecnologia ser produto de um sistema capitalista, que busca a produção de mercadorias e consumidores, ela deve ser pensada como um artefato produzido pela humanidade, devendo ser apropriada criticamente pela escola e pelos professores. Assim, o papel da educação e da Arte é pensar a tecnologia como produto humano, mas ao mesmo tempo criar formas de resistência, de sensibilidade e de humanização.

Referências

ADORNO, Theodor. W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BARRETO, Raquel. G. A recontextualização das tecnologias da informação e da comunicação na formação e no trabalho docente. **Educação & Sociedade** (Impresso). v. 33, p. 985-1002, 2012.

HUSSAK, Pedro. Arte experiência e não identidade em Theodor Adorno. In: HUSSAK, Pedro; VIEIRA, Vladimir. (Orgs.). **Educação e Estética:** de Schiller a Marcuse. Rio de Janeiro, NAU: EDUR, 2011.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo:** a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PISANI, Marília, M; KLEIN, Stefan. A Educação Estética como Educação Política em Herbert Marcuse. In: HUSSAK, Pedro; VIEIRA, Vladimir. (Orgs.). **Educação e Estética:** de Schiller a Marcuse. Rio de Janeiro, NAU: EDUR, 2011.